

Olimpíada
DE LÍNGUA PORTUGUESA
Escrevendo o Futuro

Na Ponta do Lápis

ano XIII – número 28
janeiro de 2017

Distribuição gratuita



Jovens escritores
ocupam as cidades,
juntos
escrevem o futuro

Na Ponta do Lápis

ano XIII • número 28 • janeiro de 2017

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação

Dianne Cristine Rodrigues de Melo – Itáú social
Maria Aparecida Laginestra – Cenpec

Texto e edição

Esdras Soares
Tereza Ruiz

Revisão

Rosania Mazzuchelli

Edição de arte

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração

AGWM Editora e Produções Editoriais

Contato com a redação

Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010

Telefone: 0800-7719310

e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br

www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



Ministério da
Educação



"A linguagem sem cessar arma armadilhas"

Ana Martins Marques.
Da arte das armadilhas. São Paulo:
Companhia das Letras, 2011.



Porto Alegre (RS)
Crônica



São Paulo (SP)
Artigo de opinião



Salvador (BA)
Poema



Fortaleza (CE)
Memórias literárias

editorial 4

O lugar da escrita, a escrita do lugar

entrevista 6

Fábio moon e Gabriel bá
HQ em dose dupla

especial 12

Pequenos grandes poderes

reportagem 16

Na essência, a construção coletiva

página literária 22

Laura Liuzzi
Autorretrato

de olho na prática

Fios da poética escolar:
entrelaçando proezas e reflexões 24

O passado ressignificado 28

A necessidade de particularização do cotidiano 32

Reescrevendo artigos de opinião na Olimpíada 36

a voz dos alunos e dos professores

O que a memória ama, fica eterno 40

Leonardo Silva Brito

A fonte que a montanha guarda 42

Juliana Wilczek de Oliveira

O lugar da escrita, a escrita do lugar

Impossível dizer que 2016 foi um ano fácil, a conjuntura política e econômica preocupa a todos e impacta a Educação. Mas podemos dizer sem titubear que ainda há esperança. E muita. Os estudantes, professores e comunidades envolvidos na 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro reforçam nossa convicção de que a melhoria do ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas é determinante para criarmos jovens cidadãos atentos e envolvidos com as questões pungentes das suas cidades, dos seus Estados e do país. E, os textos produzidos pelos alunos não deixam dúvidas: eles têm muito a dizer e suas vozes merecem ser ouvidas.

Entre 25 de outubro e 24 de novembro de 2016, foi realizada a Etapa Regional da Olimpíada, momento de encontro, diversidade e troca de experiências, do qual participaram 500 alunos semifinalistas e seus professores. Divididos em quatro grupos correspondentes aos gêneros textuais trabalhados pelo programa – Poema, Memórias literárias, Crônica e Artigo de opinião –, participantes de todos os cantos do Brasil viajaram para Salvador, Fortaleza, Porto Alegre e São Paulo, respectivamente. Em cada cidade, foram três dias intensos de formação, com atividades de escrita e reescrita, reflexão sobre ensino e aprendizagem, palestras, rodas de conversa, saraus, passeios culturais... E, depois de tanto empenho, muita diversão e inúmeras conquistas, foram revelados os 152 finalistas, 38 de cada gênero, selecionados pelas Comissões Julgadoras.

E a roda não parou de girar: os textos ainda passaram pela apreciação da Comissão Nacional, que selecionou os 20 vencedores anunciados no Evento de Premiação Nacional em São Paulo. Nessa oportunidade, os finalistas puderam rever seus colegas e celebrar mais

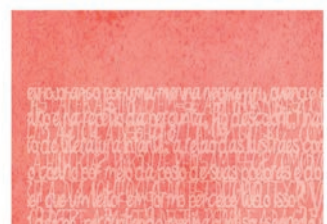
uma vez esse longo e dedicado percurso coroado com a publicação *Textos finalistas 2016*. Enfim, o sentido desse trabalho coletivo e contínuo se completa quando vemos olhos vivos e mentes abertas para criar novas poéticas, novas prosas, novas memórias e novos pontos de vista.

Para compartilharmos, refletirmos e ampliarmos essa experiência, esta edição traz o que a Olimpíada deixa à flor da pele: textos que iluminam a importância e a potência da escrita e da leitura. Assim, temos a entrevista dos premiados quadrinistas Gabriel Bã e Fábio Moon que falam sobre a força da história no trabalho deles, e de como as adaptações da literatura para quadrinhos podem estimular o interesse pela leitura. A reportagem fotográfica enche os olhos e revela os melhores momentos desta 5ª edição da Olimpíada. O “Especial” traz trechos da palestra de Joaquim Dolz, renomado pesquisador da Universidade de Genebra, que reflete, entre outros tópicos, a importância da democratização da escrita para vivermos em sociedade e a língua como patrimônio cultural.

Na seção “De olho na prática”, há quatro artigos de docentes de universidades, parceiros essenciais para que o Programa se desenvolva com qualidade Brasil afora. Esses autores compartilham aqui reflexões sobre os gêneros da Olimpíada, usando como base análises e comentários acerca de textos dos semifinalistas. Por fim, na cerimônia de premiação, os emocionantes discursos de Leonardo Silva Brito, representando a voz dos alunos, e de Juliana Wilczek de Oliveira, a dos professores.

Por falar em voz de aluno e professor, essa edição abre caminho para a nova etapa de formação, que se inicia em 2017. Renovaremos as energias na certeza de que temos uma proveitosa trajetória pela frente, e, como sempre, contamos com vocês!

Boa leitura e ótimo Ano-Novo!



fábio moon e gabriel bá

HQ em dose dupla

Desde cedo, Fábio Moon e Gabriel Bá sabiam muito bem o roteiro que queriam seguir no mundo dos quadrinhos. Aqui esses irmãos gêmeos nos contam como é trabalhar a quatro mãos e duas cabeças, e sobre como vêm traçando essa história em que o desenho transcende a perfeição gráfica para construir narrativas profundas, reflexivas e que tirem o leitor da zona de conforto. Ganhadores de dois prêmios Eisner, que é o Oscar dos Quadrinhos – um por *Daytripper* e outro pela adaptação de *O alienista* –, e de um Prêmio Jabuti – que receberam recentemente pela adaptação de *Dois irmãos* –, certamente esses talentosos autores estão apenas no meio da saga. Ainda há muita trama por vir. Mas fato é que para instigar o leitor virar a página, eles vão até o fim!

Camila Prado

Fotos Veronica Manevy

■ Sempre perguntamos para nossos entrevistados sobre o começo da trajetória como leitores. Como foi a de vocês?

Fábio – Acho que as primeiras lembranças do que a gente lia são a série Pequeno Vampiro, a Coleção Vaga-Lume, as aventuras de *A casa das quatro luas*. Minha mãe lia para nós as histórias do Monteiro Lobato. Eu também gostava de Sherlock Holmes quando criança. Todas tinham esse aspecto de aventura e de continuidade dos personagens. Acho que isso é um dos motivos que nos levaram a ter interesse por quadrinho. Minha mãe também lia quadrinhos quando eu era criança, ela gostava de *Mandrake*, *O Fantasma...* Como sempre gostamos de desenhar, acho que ela aproveitou isso e começou a mostrar quadrinhos pra gente. Líamos as histórias da *Turma da Mônica* e dos personagens do Walt Disney. Mas foi ao descobirmos os quadrinhos americanos de super-herói que viciamos em HQ. Todo mês tinha uma aventura nova e você continuava seguindo as histórias.

■ E essa ligação visceral com o desenho, como surgiu?

Gabriel – Acho que toda criança gosta de desenhar, mas tem uma idade em que a criança para de desenhar, que é mais ou menos quando ela aprende a escrever. Desenhar é uma forma de se expressar, escrever é outra, mais fácil, mais direta. O desenho era uma brincadeira nossa, algo que a gente poderia fazer a qualquer hora, em qualquer lugar.

Fábio – Desenhar é um negócio que sempre esteve presente e criou essa ligação. Acho que isso tem a ver por sermos gêmeos mesmo, porque estávamos sempre juntos. Junto com o Bã veio rabiscar, veio o desenho.

■ **Vocês fizeram um fanzine na escola. Contem um pouco dessa história.**

Gabriel – Quando você gosta de quadrinhos, você quer fazer a revista. No Colegial (atual Ensino Médio), participamos do jornal da escola fazendo uns desenhos aqui e ali, e aprendemos a montar uma revista.

No 3º ano, o jornal acabou. Resolvemos fazer um fanzine para continuar mostrando nossas coisas para os amigos. Aí vimos a diferença entre ter uma pasta de desenhos e ter uma revista. Percebemos também que era fácil dar essa cara de algo de verdade para os quadrinhos fazendo fanzines. Esses primeiros quadrinhos são reflexo do que líamos. Tinha história que apareciamos como personagem, porque um monte de quadrinhos alternativos nos influenciou, por exemplo, em *Chiclete com Banana* e *Piratas do Tietê*, os personagens também são autores.

DESENHAR É UMA FORMA
DE SE EXPRESSAR,
ESCREVER É OUTRA,
MAIS FÁCIL, MAIS DIRETA.

GABRIEL BÃ

NO COLEGIAL, NOS INTERESSAMOS
MUITO POR POESIA TAMBÉM.
TEM A VER COM QUADRINHOS
ESSA COISA DA MÉTRICA, DE
ESCOLHER AS PALAVRAS CERTAS.

FÁBIO MOON

■ **Quando descobriram que a HQ era o que queriam fazer da vida?**

Fábio – Antes de entrar no Colegial, não sabíamos o que queríamos fazer com quadrinhos. Começamos a perceber nas histórias a capacidade de envolver o leitor. Nos quadrinhos do Angeli, do Laerte, você reconhecia a rua em que passava todo dia, os tipos de casa. Percebia que eram histórias surreais com fadas, bruxas, piratas navegando pelo Tietê. Tinha o lado fantástico, mas ao mesmo tempo ficava a sensação de que aquele tipo de história poderia acontecer com você. Também percebíamos isso nos filmes e na literatura: o jeito que a pessoa escreve faz você querer fazer parte daquela história, como querer fazer parte da gangue do Pedro Bala, em *Capitães da Areia* [de Jorge Amado]. Com uns 13 anos, vimos que dava para criar uma história, fazer quadrinhos, desenhar legal.

Gabriel – No Colegial, nos interessamos muito por poesia também. Tem a ver com quadrinhos essa coisa da métrica, de escolher

as palavras certas ou a quantidade de palavras, falar uma coisa que diz mais do que só o que está escrito. Mas o desenho era uma parte crucial daquilo que queríamos fazer. Os quadrinhos vinham para contar história e desenhar também.

Fábio – Fomos fazer faculdade de artes plásticas, porque não tem faculdade de quadrinhos. No começo, fizemos outro fanzine, mas durou só o primeiro ano. Porque é isso, faculdade é um mundo novo. Continuávamos desenhando, fazendo uma historinha de uma página ou outra, mas não tínhamos onde publicar. Há dois anos sem fanzine, estávamos sem o que mostrar e, no mercado editorial, que estava no buraco, não havia nem o que apontar sobre que tipo de quadrinho queríamos fazer. Só tinham sobrevivido super-heróis americanos, que eram republicados, *Turma da Mônica* e Disney. As editoras não estavam fazendo quadrinhos, então resolvemos fazer fanzine de novo.

■ E nessas idas e vindas de fanzines, tem algum personagem que se repete, alguma história com continuidade?

Gabriel – Na faculdade, fazíamos um fanzine semanal, o *10 Pãezinhos* (10paezinhos.blog.uol.com.br), de quatro páginas. Nas histórias do Fábio, ele criou o Guapo. Nas minhas, o personagem era eu. Aos poucos, fui colocando os amigos da faculdade na história e isso ajudou a fazer que eles se interessassem. Mas não queríamos inventar um personagem e ficar contando historinhas curtas com ele para sempre, e sim contar uma história de início, meio e fim. Depois que já tínhamos habituado nosso público a ler quadrinhos e esperar toda semana a edição nova do fanzine, pudemos contar algo maior. Foi quando fizemos *O girassol e a lua*, nossa primeira história mais longa, em 1997. Com 19, 20 anos, percebemos que sem história o desenho ia ficar muito ruim. No começo da nossa carreira, íamos para a Convenção de San Diego, nos Estados Unidos, e sempre mostrávamos páginas de portfólio para serem avaliadas. Conhecemos editores. Fizemos testes para entrar em revistas, como *Arqueiro*

Verde, Batman, X-Men... Mas não deu em nada. Porque é isso, não eram boas o suficiente para o que um desenhista de super-herói precisa atingir.

■ Vocês não estavam desenhando sobre o que queriam...

Fábio – É! A história é uma parte fundamental de por que queríamos fazer quadrinhos. Nas nossas histórias, tínhamos muito mais envolvimento e isso refletia na qualidade do desenho. E foi o que eventualmente começou a chamar a atenção dos outros editores. Nosso trabalho começou a melhorar, o trabalho da história, o trabalho do desenho. E, depois de dez anos, evoluiu o suficiente para conseguirmos desenhar com outros roteiristas. Foi quando a nossa carreira nos Estados Unidos começou a engrenar um pouco mais.

Gabriel – Pegamos novos projetos, com gêneros diferentes. Essa coisa de história do cotidiano, relacionamento, dia a dia, que é o que gostamos, não é o gênero mais *pop* do mundo. *Pop* é ação.

■ Como é o processo criativo de vocês?

Fábio – Não importa quem teve a ideia, os dois precisam gostar. Porque demora e você precisa gostar da história para se envolver, para acreditar no projeto e querer trabalhar nele até o fim. Isso ajuda a dar uma filtrada nos estudos. A parte de escrever, dá para fazer juntos, discutir as ideias, os caminhos da história, mas na hora de desenhar normalmente é um só. Nas nossas primeiras histórias, criávamos uns artifícios que possibilitassem dois estilos de desenho, por exemplo, em *O girassol e a lua*, tem uma menina que acha um diário e começa a ler – a história da menina tem um desenho e a história do diário, outro. Raras são as vezes em que o Bã está desenhando e eu fico parado. Sempre tentamos ter mais de um projeto, para cada um desenhar em um. Senão ficamos com aquela sensação de que quem está só escrevendo não está fazendo nada. Porque desenhar é um negócio físico, e escrever é contemplativo.

NÃO É PORQUE
É QUADRINHOS
QUE É RASO, FRACO.

GABRIEL BĂ

NÃO É SÓ A QUESTÃO DE
O LEITOR SE RELACIONAR,
MAS DE SAIR DA
ZONA DE CONFORTO,
SENTIR COISAS, PENSAR.

FĂBIO MOON



■ **A preocupação com o leitor, em envolvê-lo e fazê-lo se identificar é sempre grande. Falem sobre essa relação.**

Fábio – A identificação chacoalha o leitor. A leitura, acho que tem essa coisa, diferente do cinema, que você senta e vê uma história. Se for boa, ela te pega, mas a ação de ver um filme é inerte. Já a ação de ler, demanda do leitor. Tem que virar a página, e se você consegue engajá-lo e fazê-lo mergulhar nessa ação, ele é capaz de se envolver mais com uma história que ele lê que com uma história que ele está olhando, sem ter que fazer nada.

Gabriel – Você tem que fazer o leitor virar a página.

Fábio – Em quadrinho, isso é uma escolha sempre: pensar qual é a imagem e a frase do fim da página para que o leitor tenha vontade de virá-la e saber o que acontece depois. Isso é o que nos motiva. Não é só a questão de o leitor se relacionar, mas de sair da zona de conforto, sentir coisas, pensar. Se o leitor é chacoalhado nessa história, tem uma reflexão, uma mudança que acontece dentro dele. É o que tentamos fazer.

■ **Por falar em mudança que acontece dentro do leitor, vocês acham que o quadrinho pode ser uma porta de entrada para a literatura?**

Gabriel – O segredo é essa coisa de agarrar o leitor. O quadrinho inevitavelmente tem esse lado visual do desenho e trabalha com menos palavras, você pode ler um livro de 300 páginas em duas horas. Existe aí uma chance de atrair leitores que teriam preguiça de ler um livro tão volumoso. Agora, pode-se ter uma história profunda e forte

em quadrinhos ou em literatura. Não é porque é quadrinhos que é raso, fraco. Você não vai atrair novos leitores com a *Turma da Mônica* só para eles gostarem de ler e depois entregá-los para ler *Brás Cubas* [*Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis], tem de preparar o leitor para que aproveite o texto. Se você lê muito, vai se preparar para um livro mais difícil. Se você lê muito quadrinho, dependendo do que lê, também vai se preparar. Isso pode funcionar tanto em quadrinhos quanto em literatura. O negócio é agarrar o leitor, porque nessa hora, ele esquece que é um quadrinho ou um livro.

■ **Seguindo essa toada, o que pensam sobre as adaptações literárias para quadrinhos?**

Gabriel – Essa nova onda de adaptações literárias, da qual nós fomos uns dos primeiros a participar com *O alienista*, é para atrair leitores. O público que não leria um quadrinho normalmente, talvez dê uma chance para essa obra porque é Machado de Assis e é *O alienista*. Ao mesmo tempo, tem o público que não quer ler Machado porque acha difícil ou chato, mas por ser em quadrinhos pode dar chance para o livro. Acreditamos que ao recontar em quadrinhos, podemos adicionar coisas com essa linguagem, dar uma nova leitura e apresentar para um público novo. Isso é o maior ganho de fazer uma adaptação.

Fábio – Inevitavelmente, se você adapta um clássico, quem gosta do original vai se interessar, e é isso que queremos, que continue legal para quem gosta do jeito que o Machado de Assis ou o Milton Hatoum escrevem. É um

FORAM QUATRO ANOS PARA FAZER A ADAPTAÇÃO DE DOIS IRMÃOS. É A NOSSA HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS.

GABRIEL BÃ

EM O ALIENISTA NÃO TINHA UMA DESCRIÇÃO GIGANTE DOS PERSONAGENS, PODÍAMOS CRIAR DO JEITO QUE QUISÉSSEMOS.

FÁBIO MOON



risco: quem é muito fã de um original deve enxergar a adaptação também como algo original. Pensando ao contrário, em quem nunca ouviu falar e descobre *Dois irmãos* por quadrinho, se quiser depois pode ler o livro, ou outra coisa do Milton. Queremos mostrar que o interessante é conhecer o trabalho do Milton e o nosso. E não negamos a preocupação em fazer quadrinhos para quem não lê quadrinhos. Tem umas adaptações incríveis, e tem outras que são só para constar. Acho que o Bã e eu temos esse pensamento excessivo de como transformar a adaptação numa boa história em quadrinhos.

■ E como é esse processo de adaptação? Como foi com *O alienista* e com *Dois irmãos*?

Fábio – O maior trabalho é pegar todo o livro e pensar como isso funcionaria melhor em quadrinhos, se a ordem e o tamanho dos capítulos precisam ser os mesmos, o que no parágrafo vai virar diálogo, narração ou imagem.

Gabriel – Foram dois trabalhos bem diferentes, porque *O alienista* era um conto. A gente pôde fazer sem ter que ficar resumindo, aproveitamos o máximo do texto para manter a linguagem do Machado, que, ao contrário do que as pessoas acham, não é antiquada ou difícil. E *Dois irmãos* é um romance de 260 páginas, muito mais complexo.

Fábio – Como era um livro bem maior, tudo deu muito mais trabalho: entender a história, o arco de cada personagem, como se relacionavam entre si, o que cada capítulo acrescentava. Às vezes, cenas de que gostávamos não acrescentavam nada, ia virar um livro de mil páginas. Em *O alienista* não tinha uma descrição gigante dos personagens,

podíamos criar do jeito que quiséssemos, criamos uma Itajaí que ajudasse a delinear a ideia da loucura se espalhando pela cidade. Já em *Dois irmãos*, Manaus é um personagem da história, então, fizemos uma pesquisa mais intensa, uma preocupação em acertar essa coisa da cidade, dos personagens. Achei muito legal quando fomos lançar o livro lá, porque as pessoas não estavam preparadas para ter essa lembrança da cidade de que sentem falta. O próprio Milton Hatoum ficou muito surpreso com essa capacidade emocional que a imagem traz.

■ Até que ponto as escolhas gráficas (cor, traço etc.) e as narrativas são determinadas pelo original?

Gabriel – No jeito do Milton escrever, por exemplo, tem o personagem pensando, contando do que ele se lembra, do que contam pra ele, e ele volta pra cá, vai pra lá... É uma das coisas legais do estilo dele que a gente tentou manter no texto. Você não consegue parar de ler. Em *Dois irmãos* tem muitos personagens, e eles começam jovens e envelhecem. Então teve uma escolha de fazer um estilo de personagem que fosse mais simples, sintético e icônico, para facilitar isso. Os personagens aparecem no livro inteiro, mas vão mudando.

Fábio – E o leitor tinha de reconhecê-los imediatamente.

■ Por que *Dois irmãos* foi feito em preto em branco?

Gabriel – O artista é obrigado a fazer mais esforço, a abstrair o mundo, a interpretá-lo de uma maneira mais forte num desenho preto e branco. E o leitor também é obrigado

a se esforçar para retraduzir aquilo e entender que é uma árvore, uma casa, um rio ou um céu em preto e branco. O leitor que não está acostumado a ler quadrinhos vai de balão em balão, e não olha para o desenho. Você tem que saber onde colocar os balões, para que o olho dele percorra a página. A escolha para o estilo de desenho, colorido ou preto e branco, como é o personagem, tudo tem que ser invisível depois de vinte páginas, só depois disso, o leitor já entrou na história. Então o segredo é tentar fazê-lo esquecer. O negócio é ser invisível.

■ Como foi trabalhar com Milton Hatoum?

Fábio – Foi quase invisível. “De quadrinho, entendem vocês”, ele disse.

Gabriel – Falamos com ele duas vezes para o livro. A primeira foi antes de ir a Manaus, ele nos deu várias dicas de lugares para visitar e pessoas para conversar. Trabalhamos no roteiro e dois anos depois, quando estávamos criando os personagens, mostramos para o Milton. Ele gostou de todos, menos da Zana. Nossa Zana era uma matrona.

Fábio – O Milton explicou a ideia de que ela tinha que continuar elegante a história inteira.

Gabriel – Tinha de ser essa mulher pela qual o Halim vai ser apaixonado até a velhice.

Foi fundamental porque a Zana é uma das personagens principais. Depois o Milton só viu o livro quando acabamos.

■ O Milton respeitou a voz de vocês como autores na adaptação. Como aparece essa voz, tanto nas histórias próprias como nas adaptações?

Gabriel – No mercado americano, nossos quadrinhos que faziam mais sucesso eram os que éramos desenhistas. Depois do *Daytripper*, uma história que escrevemos, as pessoas começaram a nos olhar também como autores. Aqui, no Brasil, acho que não tem muito como dar esse salto. Quando as pessoas pensam em quadrinho, pensam em desenho. Você precisa de uma história grande para fincar o pé e falar: “Olha, é isso que eu quero fazer. Não é desenhinho”. Foram quatro anos para fazer a adaptação de *Dois irmãos*. É a nossa história de dois irmãos. Até a gente demorou para perceber isso. Então tem que saber entender qual a alma da história, dos personagens, e como contar isso na nova linguagem e fazer bem feito, porque aí você não vai ser só o cara que adaptou

Twitter oral

Uma pergunta ou um mote para os gêmeos responderem em até 140 toques.

Quando a imaginação vira traço?

Gabriel – Na cabeça. Acho que é isso.

Fábio – Ah, quando tem uma história para contar.

Até onde uma HQ pode te levar?

Gabriel – Ah, para qualquer lugar.

Fábio – Já nos levou para Índia, Argélia, Angola...

Qual a ponte entre *O girassol e a lua* e *Daytripper*?

Fábio – Duas histórias onde a morte nos ensina o valor da vida.

Mais HQ no mundo ou mais mundo nas HQs?

Gabriel – Os dois. Porque é legal inventar histórias, mas ao mesmo tempo é legal falar das coisas que estão aí.

Fábio – Se tiver que focar em um, mais mundo nas HQs, porque isso resulta na outra opção.

HQs com “H” maiúsculo

Dicas de Moon e Bá

Bone, Jeff Smith

Fun Home, Alison Bechdel

Três Sombras, Cyril Pedrosa

Lendas, Frank Miller

Turma da Mônica – Lições,
Vitor Cafaggi e Lu Cafaggi

Retalhos, Craig Thompson

pequenos grandes PODERES

Edição de Ana Paula Severiano

Joaquim Dolz, pesquisador da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, na Suíça, é especialista na teoria dos gêneros textuais. Em uma palestra para professores da rede pública do Estado de São Paulo, Dolz discutiu o poder da escrita e a importância crescente de ensinar os gêneros argumentativos na escola. Aqui, selecionamos e apresentamos alguns dos melhores momentos desse encontro.

Poderes da escrita

A democratização da escrita é a garantia de podermos viver juntos, de limitar a violência, porque ela permite uma transformação da relação com a linguagem, com a cultura e, talvez seja um pouco idealista, permite criar relações sociais diferentes. Assim, o compromisso pela educação e pelo letramento teria que ser um compromisso de todos os membros de uma sociedade que se quer democrática.

Disputas na democratização

No Brasil, há uma relação complexa entre poder e democratização da escrita. Em Genebra, já no século XVII, o problema da leitura e da escrita estava resolvido. Lá, os pastores protestantes queriam que todos tivessem acesso à Bíblia, então a leitura e a escrita se iniciavam muito cedo, o que contribuiu para o desenvolvimento cultural e econômico do país. Aqui, desde a época das capitâncias hereditárias, quem tinha o poder da escrita era a elite. Os tabeliães e os oficiais do registro eram os responsáveis pela escrita e por estabelecer a propriedade das fazendas, ou seja, a escrita se concentrava nos cartórios e nas ordens religiosas. Assim, tenho a hipótese de que, por razões diversas, o país teve tensões entre quem queria desenvolver a escrita para toda a população e aqueles que resistiam à democratização.

A construção de valores coletivos

Um exercício possível é fazer que os alunos escrevam as normas que têm de respeitar na aula: é a escrita da lei. Se esta é feita unicamente por certas pessoas, é possível manipular. Então, é importante ler e compreender a lei, porque estamos em um estado de direito. Um dos objetivos da democratização da escrita é que o aluno tenha uma relação diferente com a lei. Esse é um objetivo importante, que ajuda a desenvolver o que eu chamo de capital social. Há o capital econômico e é verdade que a escrita pode permitir um posto de trabalho melhor. Mas dominar a escrita é essencial para regular a vida coletiva, não apenas para conseguir mais dinheiro.

Língua como patrimônio

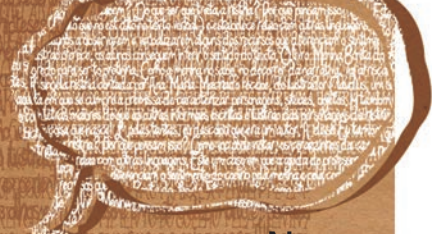
A língua portuguesa veio do sul de Portugal, ligada ao galego, e é importante saber como evoluiu e porque se transformou. Ainda se fala a língua que se falava na época das colônias, para a qual colaboraram os movimentos de migração africanos. Isso é patrimônio, o falante culto conhece a influência da literatura na fala e, assim, temos que discutir na escola valores estéticos, e as novidades produzidas pelos grandes criadores atuais da língua têm que ter um lugar no ensino da língua portuguesa. É claro que é importante ler, escrever, falar, interagir com os outros, mas conhecer a história e a produção cultural atribuem um valor à língua.

Variedade linguística, mediação e acesso ao saber

Quando o menino chega à escola, ele fala a variedade da família. Depois, isso se amplia. Não há razão para penalizar as variedades dialéticas do aluno. É preciso que ele compreenda e possa se comunicar com outras variedades e, principalmente, com a variedade da escola que é a ferramenta fundamental para o acesso ao saber.

Língua, preconceito e identidade

A língua está ligada à identidade. O pensamento, quando dominamos a língua, funciona a partir dela e isso tem influência na construção da sua identidade. Eu sou atrevido e velho, não tenho vergonha de falar mal o português, mas há pessoas que sim, porque sabem que sua fala faz parte de sua identidade. A sociedade brasileira, que é muito classista, marca as diferenças sociais também pela fala e pela escrita. Então, a perda de identidade não é boa, mas ganhar registros, ganhar possibilidades sem ter preconceitos com outros abre muitas portas aos alunos.



Narrar

A escola trabalha com frequência os gêneros narrativos. Há centenas de textos de ficção, de lendas e muitas vezes a transmissão da cultura do país se faz pelas narrações. No Brasil, há uma coleção magnífica de fábulas e lendas que têm um sabor diferente, contribuem para a construção de identidade nacional. São interessantes também para a construção de valores sociais. Estes não estão unicamente nos textos argumentativos, a finalidade de uma fábula pode ser a transmissão de um valor e, por isso, há uma moral.

O acesso à literatura significa ainda entrar em um universo diferente, representa capital cultural e desenvolve valores estéticos. É uma leitura que propicia enorme prazer, porque forma e fundo se combinam e permitem o desenvolvimento da imaginação.

Expor e explicar

Expor e explicar é fundamental na escola, pois isso permite aprender e transmitir saberes. Se são trabalhados apenas os textos narrativos, não se consegue que o aluno domine e compreenda tudo. O fundamental aqui é o capital cultural. Capital econômico todo mundo sabe o que é. Capital social é o que nos permite o relacionamento, suas fronteiras são mais limitadas. Quando falo de capital cultural, falo do conhecimento. Em uma sociedade democrática, o capital cultural e o acesso ao capital social precisam ser compartilhados. Desse modo, aprender textos da ordem do saber permite passar no vestibular e ter acesso à universidade e ao trabalho.

O que é argumentar?

Não se pode simplesmente impor valores. As leis não são neutras, os cidadãos têm o direito de questioná-las e de discutí-las. Mesmo a construção delas é resultado de um debate. Quando trabalhamos a argumentação com os alunos, estamos trabalhando algo fundamental na vida social, que é o diálogo com o pensamento do outro, ainda que o outro pense de maneira muito diferente da nossa. Esse diálogo com o pensamento do outro é a minha definição do que é argumentação.

Argumentar para dialogar

Qual é a finalidade da argumentação? Transformar o pensamento do outro. Para isso, é necessário levar em consideração esse pensamento para transformar, não para impor. É o diálogo que permite regular a vida coletiva em uma sociedade democrática. Assim, o aluno tem que desenvolver autonomia de opinião. A argumentação é onipresente na vida social. Quando se conta uma fábula, que tem

Um modelo de argumentação para a escola

A importância do ensino da gramática

O papel do professor

uma moral, o texto é narrativo, mas a finalidade é argumentativa. Do mesmo modo, o diálogo entre a raposa e o lobo também pode ser argumentativo. Então, o trabalho sobre a argumentação pode incluir uma reflexão sobre o que é a dialética, o raciocínio lógico, a persuasão.

A argumentação tem a ver com educação cívica. O modelo da argumentação que deram alguns deputados de diferentes partidos políticos no Brasil não representa um exemplo de sociedade civilizada, porque eles insultavam as pessoas. Este não é um referencial adequado para os alunos, porque não é o padrão da sociedade que eu gostaria que eles vivessem.

A escola tem que dar um modelo no sentido de construir. O insulto, o argumento contra a pessoa não pode ter cabimento. A língua, o órgão, não tem ossos, mas pode fazer muito mal, um insulto pode fazer tão mal quanto um golpe. Na escola, temos que abordar o uso da linguagem para a comunicação, o diálogo.

Alguns dizem que a gramática não serve para nada, mas refletir sobre a língua é importante. Lev Vygotsky, um grande pensador do desenvolvimento da linguagem e do desenvolvimento do sujeito, dizia que, além de aprender, é preciso ter controle consciente do que fazemos. Assim, é a gramática que nos ajuda a refletir sobre a frase, sobre o discurso e sobre o funcionamento dos textos na comunicação. O ensino não é unicamente prática de linguagem, é também refletir sobre os procedimentos.

Houve um tempo, em que nós, os pesquisadores, pensávamos que a pesquisa resolveria os problemas da educação. É verdade que a pesquisa ajuda a compreender os fenômenos de ensino e aprendizagem. É verdade que as ferramentas do professor, uma sequência didática bem elaborada, ajudam o trabalho da aula. Mas também é verdade que o professor precisa saber o que está fazendo e por que está fazendo.

As condições e as ferramentas de trabalho devem ser debatidas, mas nada é tão importante quanto a formação e o compromisso do professorado: recrutar alunos, motivá-los para escrever com a criação de projetos e dialogar, deixar que os alunos falem. A prática cotidiana da escrita é um diálogo sobre ela mesma e seus processos de aprendizagem, que vão ajudar o aluno a compreender o que está fazendo e a desenvolver sua linguagem, o que é fundamental para a sociedade brasileira atualmente.





No dia 13 de dezembro de 2016, as mãos contorceram expectativa, os sorrisos brilharam orgulho, os olhos marejaram contentamento. As lembranças de um processo repleto de descobertas, esforços e aprendizagens invadiram o Auditório Elis Regina, em São Paulo, onde foi realizada a cerimônia de premiação final da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Participando dessa grande festa estavam quase mil pessoas, entre alunos, professores, diretores de escolas, familiares, autoridades e colaboradores, além de representantes das organizações realizadoras do Programa: Carmen Neves, diretora de Formulação de Conteúdos Educacionais do Ministério da Educação; Fábio Barbosa, vice-presidente da Fundação Itaú Social; e Maria Alice Setubal, presidente do Conselho de Administração do Cenpec.

Na essência, a construção coletiva

Jéssica Nozaki

Fotos Veronica Manevy

Apesar da espera ansiosa por conhecer os vencedores da edição, ali todos tinham clareza de que não havia sequer um vencido. Foi o que pontuou Leonardo Silva Brito, de Presidente Médici, Rondônia, ao discursar em nome de todos os estudantes finalistas: “Esta é a Olimpíada mais humana de todas que tive oportunidade de participar. Isso possivelmente se deve ao fato de que, em sua essência, ela não prega a competição, mas sim a construção coletiva e gradativa de uma produção textual que expõe não apenas nosso olhar, nossos



sonhos e reivindicações para os lugares onde vivemos, mas também os de todos aqueles que nos ajudaram, direta ou indiretamente, a percorrer esse caminho” (veja a íntegra na página 40).

Aprendizado sobre gêneros textuais, compreensão da função social da escrita, ampliação de repertório, aprofundamento das reflexões sobre questões sociais, são inúmeros os frutos semeados e colhidos democraticamente em todo o país, em cada uma das regiões: grandes centros urbanos, cidades médias e pequenas, distritos rurais, comunidades indígenas, quilombolas, assentamentos de famílias sem terra. Toda essa necessária representatividade desvela a força da articulação e da mobilização que possibilitaram à Olimpíada tamanho alcance e abrangência.

Paragens e travessias

Para chegar à festa de encerramento, muita coisa se passou entre os dias 25 de outubro e 24 de novembro de 2016. Nesse período, foram realizados os encontros regionais, que reuniram os 500 alunos semifinalistas e seus professores. Divididos conforme as categorias pelas quais concorriam, os participantes viajaram para uma determinada capital brasileira, onde participaram de oficinas de formação, palestras, saraus e passeios culturais. Cada encontro teve uma atividade específica e muito especial...





Lançar luz, conquistar a palavra

A Oficina de Artigo de opinião, com os alunos de 2º e 3º anos do Ensino Médio, veio reforçar uma tônica dos tempos atuais: os jovens são capazes de produzir reflexões autorais, têm opinião, anseiam por expressá-la e merecem ser escutados. Reunidos em São Paulo, de 25 a 27 de outubro de 2016, os estudantes participaram de um debate sobre uma *questão polêmica* relevante e mais do que pertinente para eles: “Ações afirmativas são políticas adequadas e eficientes na garantia do acesso à universidade?”. Com base nesse tema, efetuaram pesquisas, travaram discussões e expuseram seus argumentos de forma perspicaz, levantando seus posicionamentos sobre conquista de direitos, meritocracia, e política de cotas sociais e raciais.





Exercícios do olhar

Os semifinalistas de crônica participaram, em Porto Alegre, da Oficina regional entre 8 e 10 de novembro de 2016. Lá, exercitaram suas maneiras singulares de enxergar o cotidiano e a habilidade de capturar instantes preciosos e significativos. O percurso de provocar novos rumos para o olhar foi trilhado na palestra com a fotógrafa Veronica Manevy. Nessa ocasião, os alunos refletiram sobre a efemeridade das imagens no mundo contemporâneo e conheceram técnicas simples – mas fundamentais – para se obter uma boa fotografia tirada por meio do celular. Munidos dessas orientações, seguiram para um passeio pelo centro histórico e por museus da capital gaúcha. Entre os prazeres da caminhada, uma missão: fotografar cenas peculiares, flagras urbanos, com base nos quais escreveriam uma crônica inédita.





Das reminiscências ao papel

Fortaleza recebeu os 125 alunos do gênero Memórias literárias nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2016.

O momento mais emocionante da Oficina ocorreu quando os pequenos memorialistas, coletivamente, entrevistaram o desenhista, xilogravador, compositor e poeta popular Stênio Diniz. Curiosidades em punho, os estudantes formularam perguntas, buscando desvendar e verdadeiramente entender a trajetória desse artista singular, cheio de talentos e de lembranças. Num trajeto desafiador, que necessariamente passou pelo exercício da empatia, a escuta atenta às histórias de Stênio culminou na escrita de novas memórias: as do artista, em primeira pessoa, apropriadas ao longo da conversa e alinhavadas pela imaginação dos alunos. “Nunca na vida tinha passado por uma experiência dessas. Fiquei feliz e orgulhoso (do bom orgulho!) por ter material para dar”, compartilhou Stênio.





Palavra escrita, palavra falada

Todo texto tem sua música; criada por quem escreve ou recriada por quem lê. No último encontro regional, que ocorreu de 22 a 24 de novembro de 2016, em Salvador, os alunos-poetas experimentaram a união de diferentes linguagens artísticas. Durante as oficinas, eles praticaram leituras em voz alta, “botando reparo” nas diversas maneiras de dividir e grifar com a voz, criando ritmos e afinando formas de dizer. Em seguida, cada estudante gravou um trecho do próprio poema em um estúdio de áudio portátil, montado especialmente para a ocasião. Os trechos gravados foram agrupados por temas e musicados com trilhas sonoras sensíveis, criadas pelo compositor e produtor musical Luiz Ribeiro, que comentou: “Como imagens que ilustram um livro, as músicas complementam os poemas com outras camadas de significado, ajudando a criar emoções e a contar as histórias daquelas palavras”. Todo esse trabalho resultou no CD *Versos de diversos lugares*, entregue a alunos e professores.



Palavra final

Há quem diga que quando um processo se encerra é possível enxergar o todo conquistado, surgem outros espantos, outros alumbramentos. Se é mesmo assim, ao olhar para esta 5ª edição da Olimpíada, um mote ecoa mais forte: a confiança na potência das boas práticas realizadas na escola pública brasileira e a esperança de uma educação de qualidade para todos. É esse o futuro que, juntos, estamos escrevendo.

Laura Liuzzi

Auto-retrato



Como pode água nascer de pedra
como pode, posso eu também ter matéria grave e intransponível conjugada a esta outra transparente, irrepresável.

Basta um olhar à fotografia – o bebê no colo o papel envelhecido. Ao mesmo tempo que um avança somando anos o outro recua, mais antigo.

Quando as tardes pareciam maiores quando o fim do dia era o fim do dia quando tatuagens não eram para sempre.

O tapete da sala era branco e peludo, parecia um bicho depois da ração diária. O sol entrava geométrico e, espremendo-se entre as grades desenhava escarpas onde eu me deitava junto ao bicho. Eu fechava os olhos para ver as cores no escuro.

Laura Liuzzi, poeta brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1985; aos 25 anos, publicou seu primeiro livro de poesia, *Calcanhar* (7Letras); *Desalinho* é o segundo. Trabalhou com o documentarista Eduardo Coutinho, como assistente de direção, nos filmes *Um Dia na Vida*, *As Canções* e *Últimas Conversas*.

Só o que morria era inseto.

Sorrir nunca foi fácil.

Cresço com a boca miúda
e ainda não gosto de piadas.

Conservo a interrogação
quando de frente ao espelho:
como pode ser tão diferente
o frontal do perfil?
E me pergunto, desde lá
se todos enxergamos as mesmas coisas
se a língua não é tão só
um mesmo código para coisas distintas
se entre mim e você
não há um abismo sem solução.

O que sei é o que não sei
sobre projetos de futuro.

E mesmo assim escrevo cartas
(funcionam melhor que espelhos)
para meu próprio endereço.
Me respondo como se já tivesse
arquivado toda a memória
e pudesse confortar
confrontar o porvir.

Quando escrevo me passo a limpo
sem riscar as imperfeições.

A infância ainda gravita
em mim. Não só
a minha, mas outras
que vêm com músicas
sub-reptícias, por um atalho
por onde atravessam
com a velocidade
incalculável
do tempo.

Dar nome às coisas:
primeiro passo torto
até que se deseje
as coisas puras
sem auxílio de som –
a rosa única
a pedra que se sabe pedra.
Segundo passo, falho:
inominar.

Nos retratos guardamos nos olhos
o vidro dos olhos do gato
a cama ainda desfeita
a última tempestade
e o escuro do que virá.

[Colher nas mãos o que
das mesmas mãos se extinguiu:
pedra papel tesoura.]

Fios da poética escolar: entrelaçando proezas e reflexões

Lícia Maria Freire Beltrão

Nesta edição, que é a 5ª da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, tive o privilégio de, ao modo de uma anfitriã, receber, para apreciação, 125 poemas, assinados por estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental de escolas da rede pública municipal e estadual, distribuídos nas cinco regiões brasileiras.

Com mãos macias, acolhi a todos. Com olhos sensíveis, fui aos descobrimentos. A engenhosa pedagogia, implementada por professores à luz do *Caderno Poetas da escola*, revelou-se nas proezas dos jovens escritores semifinalistas.

O que vi partilho, com intenções: a de contribuir com a renovação da semântica com que se traduz a escrita dos nossos alunos e a de fazer anúncios alegres a respeito da poética escolar, inscrita na Olimpíada.

Para que essas intenções se cumprissem, o artigo foi arquitetado em segmentos específicos, mas com trânsito livre entre eles. Os fios escolhidos, transpostos para este espaço, estão protegidos por concepção bakhtiniana de linguagem, texto, gênero, autoria, dialogia e interação, verdadeira substância da língua, sem desconsiderar a noção do outro, da palavra que dele vem (Bakhtin, 1997).

Com expectativa de que lhes sejam emprestados os sentidos possíveis sempre favoráveis às proezas expostas, proponho que passemos à leitura, com prazer!

Lícia Maria Freire Beltrão é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Rede de Ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Quem é o poeta da escola?

■ O poema e suas condições de produção

As considerações deste primeiro segmento são consequentes da visão sincrética que tive dos poemas, sem individualizá-los, sem desconsiderar as várias camadas de sua constituição, sublinhando, contudo, o poeta da escola e as condições de sua produção, tomando como referência proposições de Orlandi (1987) sobre a linguagem e seu funcionamento e que aqui apresento com necessárias adaptações: quem escreve, o que escreve, como escreve, de onde escreve, para quem escreve, onde circula o que escreve.

Sob a inspiração dos versos:

“Sou poeta nordestino,
Só um toco de menino.
Que faz versos pra falar
Da terra mãe, meu lugar”,

assinados por um aluno-poeta, reconheço, ratifico e amplio: o sujeito que se revela em tantas e diversas escritas é tão só “um toco” de menino, e de meninas também, que, tendo em torno de três a quatro anos de experiência com o escrever convencional, se agigantam no uso da palavra vibrante, soante, desinibida, transgressora. E o que intenta cada “toco”? Projetar compreensões infantis sobre o lugar onde vive, representado pelo peculiar céu, mar, rio, terreno, fruto, culto, dizer, ser, fazer, brincar, sem desprezo das tensões que denotam paradoxos.

Quanto ao modo de dizer, asseguro que, se por um lado, ressonâncias dos primeiros repertórios, constituídos de textos da tradição oral, em que se misturam parlendas, trava-línguas, quadras rimadas foram identificadas; por outro, marcas explícitas e compatíveis com o que a literatura qualificada teoriza acerca de poema e poesia se constata, permitindo perguntas sobre os limites, talvez, ainda frágeis, entre os usos dos recursos por mera intuição linguística, ou por intenção e consciência de uso, escolhas feitas em função de monitoração atenta, uma prática metalinguística para além da reprodução de conceitos e classificações. Tudo isso subsidia comentários sobre o lugar físico da escrita do poema, a escola, lugar de onde cada “toco” escreveu, lugar que, pelo exposto, mostra assumir, pelo fazer dos docentes, a responsabilidade da inserção do poeta no mundo textual, oferecendo-lhe subsídios pedagógicos que dialogam como os propósitos do programa de leitura e escrita, instituído pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, legitimando sua participação, com destaque, em espaços onde os poemas se publicizam.

Com relação ao para quem escreve, nunca é demais ressaltar a possibilidade de o poema ser arrebatado por virtuais leitores. Entretanto, na perspectiva do contrato discurso pronunciado na Olimpíada, o aluno-poeta, invariavelmente, é o primeiro leitor do seu texto e a ele se agregam professores e colegas, e muitos outros, considerando-se a própria dinâmica do programa. Essa noção de que o poema se oferece para o outro, o leitor, se reflete, sobretudo, no uso de diferentes expressões vocativas. A multiplicidade de interlocução para a qual o poema está vocacionado, segundo as normas do programa, não pode ser tratada senão associada aos lugares por onde o poema pôde circular, desde seu nascimento.

Em razão do que foi observado, posso assegurar seu reconhecimento, sua condição legítima de representar o gênero e de cada “toco” ser reconhecido como Poeta da Escola!

O que fez o poeta da escola?

■ Fios de algumas proezas

Reservei para este segmento algumas representações de proezas manifestadas no conjunto dos poemas analisados, procedimento que me permitiu ter uma visão pormenorizada da produção e fazer a extração de particularidades.

Iniciando pelos títulos, saltaram aos olhos os construídos para além da paráfrase repetitiva. Ressonância, pois, os tecidos pelo fio poético da singeleza: “Mar, doce mar”; “Canto de menino”; “Coisinhas Anapolinas”; os que despertaram curiosidade: “Sovaco da cobra”, “O gingado do Xixã”; e aqueles que dialogaram, criativamente, com títulos conhecidos, ao modo de uma paráfrase criativa: “Eta, distrito bom!”, “O que é que a Messejana tem?”.

Continuando pela temática, sublinho a renovação do tratamento, cantada em versos que festejam nossa língua, no que tem de abundante, diversa e peculiar:

“O português aqui presente
forma o dialeto engraçado
tem gente que fala de tudo
é gíria pra tudo que é lado
isso é a linguagem típica
de fronteira de Estados”.

Indo aos recursos poéticos, saliento metáforas, em:

“A noite é bordada de estrelas
Algodão-doce voando no ar
E a lua distante clareia
Eu descanso no meu lar”;

onomatopeias, com fortes apelos sensoriais, tentando reproduzir, nos sons das palavras, a realidade, em:

“Escute: Toc... Toc... Toc...
Passavam mulas
Numa peleja ligeira,
Eia... Eia... Eia...”;

aliterações, em:

“O pinhão e a geada
Abrem a temporada
Geada gelada...
Corta como espada!
Congela a madrugada!”;

personificação, em:

“Hoje canaviais verdinhos
Sob o abraço do sol
Crescem bem rapidinhos
Produzindo açúcar e etanol...”;

e rimas: as externas, em:

“Na economia se destaca
Por sua agricultura
Nas chácaras podemos ver
O excesso de fartura”;

as internas, em:

“No meu distrito tem dia tão quente
como fogo no oriente
Há praça, há feira e pessoa que vende
pé de bananeira”.

Chegando aos modos de arquitetar a coerência, dando força coesiva aos dizeres poéticos, recorto marcadores que se repetiam, mas que, em contraposição, anunciavam o diverso, como nestes versos:

“No terreiro lá de casa
eu aprendi a brincar [...]

No terreiro lá de casa
tem todo tipo de flor [...]

No terreiro lá de casa
tem o calor do sol quente [...]”.

O que dizer aos poetas?

■ Fios conclusivos

Ainda que sob a forma de amostragem, as proezas manifestadas e assinadas por “tocos” de meninos e meninas poetas ratificaram que o escrever abarca diferentes olhares, múltiplas leituras, diversos saberes, inúmeros gestos de sensibilidade e, sobretudo, ensino e intervenção, vindos de uma pedagogia poética, construída, com afinco, por Professoras e Professores.

Que o movimento dado à palavra, a imprevisibilidade emprestada ao trato do tema e o uso de figurações linguísticas diversificadas perdurem e continuem na trama do ser e do fazer de todos os Poetas da Escola!

REFERÊNCIAS

- ALTENFELDER, Anna Helena; ARMELIN, Maria Alice. *Poetas da escola*. Caderno do professor: Orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BELTRÃO, Lícia Maria Freire. “A escrita do outro: anúncios de uma alegria possível”. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006. Tese de doutorado.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

O passado ressignificado

Mônica de Souza Serafim

Iniciamos este texto com uma pergunta: “Como podemos caracterizar o gênero textual Memórias literárias?”. No entanto, reconhecemos que existem, pelo menos, quatro respostas, se considerarmos que um texto apresenta condições de produção, um plano global, aspectos linguístico-discursivos e marcas de autoria que o caracterizam.

1. As condições de produção: a entrevista e a retextualização

O gênero Memórias literárias faz parte do domínio discursivo autobiográfico, que é composto de gêneros como autobiografias, biografias e relatos pessoais. Todos apresentam características composicionais que os assemelham: textos escritos em 1ª pessoa, que registram fatos de uma vida inteira ou de parte dela. No caso da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, há uma especificidade que os caracterizam: a realização de uma entrevista.

Os alunos que participam da Olimpíada, nessa categoria, têm entre 13 e 14 anos, idade em que, convenhamos, ainda não possuem um longo passado a ser relembrado, e, para resolver essa questão, o desafio proposto é de que esse texto tenha como “alimento” as lembranças de um antigo morador. Para isso, o professor, os alunos e os demais membros da gestão escolar buscam, no entorno escolar, pessoas que possam ser entrevistadas e estejam dispostas a contar histórias de seu passado para, assim, “alimentar” o texto dos alunos.

Antes de trazer essa figura tão importante para a construção desse texto, são realizadas, nas salas de aula, oficinas, cujo objetivo é proporcionar subsídios para a entrevista com o antigo morador. Essa entrevista será, posteriormente, retextualizada e transformada no texto de Memórias literárias.

Esse movimento é extremamente importante para que os alunos percebam a transformação de um gênero em outro – da Entrevista para Memórias literárias –, e de uma modalidade de língua em outra – da oralidade para a escrita.

Durante esse processo, os alunos utilizarão estratégias de retextualização que contribuirão para dar forma ao novo texto, tais estratégias, segundo Marcuschi (2004) podem ser de: eliminação – retirar marcas de oralidade; inserção –, inserir a pontuação adequada e necessária no texto escrito para garantir os efeitos de sentido; substituição – de formas coloquiais por outras mais formais, ou de formas menos expressivas por outras mais literária; seleção – selecionar o que é mais relevante para a narrativa; acréscimo – acrescentar trechos, palavras ou até fatos mais sugestivos e expressivos; reordenação, reformulação e condensação – organização e agrupamento das ideias.

Mônica de Souza Serafim

é professora da Universidade Federal do Ceará e docente da Rede de Ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Além disso, a entrevista permite também que o aluno, após coletar diversos aspectos da vida do entrevistado, escolha um entre tantos assuntos para serem contados por escrito: “O que é importante que seja escrito? Por que é importante? Para quem será escrito? Onde este texto circulará?”, são perguntas necessárias para que a entrevista ajude o aluno a estabelecer a macrounidade de sentido do texto.

2. O plano global

No plano global, o gênero textual Memórias literárias apresenta algumas características:

- Início, meio e fim bem demarcados. O início do texto é dedicado a situar o leitor no tempo e no espaço a serem lembrados. Relato de fato(s) marcante(s) e os motivos que o tornam significativos são descritos ao longo do texto, que pode ser concluído com uma cena ou um fato vivido pelo narrador em um momento passado ou com o deslocamento do narrador para o tempo presente.
- A narração poderá ser em 1ª pessoa com narrador-personagem, aquele que narra e participa dos fatos por ele narrados ou com narrador-testemunha, que narra enquanto testemunha os fatos vividos e narrados por outrem. Qualquer um dos narradores considera apenas o seu ponto de vista, não sendo relevante em polêmicas e opiniões de outros que não estejam envolvidos nos fatos.
- Além disso o texto deve apresentar sequências textuais narrativa e descritiva para que o leitor saiba a respeito dos fatos, dos lugares, das personagens e dos costumes abordados no texto, que se sinta enredado pelas motivações sensoriais de cheiro, gosto, aparência, sons etc. de um objeto, fato, ou personagem descrito.

3. Os aspectos linguísticos e discursivos

Esses aspectos precisam levar o leitor a perceber a expressividade, os efeitos de sentido advindos das escolhas lexicais e estilísticas que contribuirão para a literariedade do texto. Esses efeitos podem ser conseguidos por meio das figuras de linguagem, das expressões regionais e também do uso intencional de expressões típicas da oralidade que conferem um efeito ao estilo do texto.

4. As marcas de autoria

A autoria, segundo Possenti (2002), pode ser percebida por meio das vozes que o autor cede aos outros. Essas vozes revestem-se de caráter interacional, o contato antigo morador e aluno produz o viés individual, a produção do texto de Memórias literárias, indicando a presença de um autor para um leitor.

Configuram também como importantes marcas de autoria o uso orquestrado das vozes do narrador e a escolha do título, que precisa instigar o leitor e jamais ser confundido com o tema “O lugar onde vivo”.

No texto “O mundo encantado do engenho”, finalista da edição de 2012 da Olimpíada, no gênero Memórias literárias, vamos analisar as quatro possíveis respostas, mencionadas e descritas neste artigo: condições de produção, plano global, aspectos linguístico-discursivos e marcas de autoria.

O mundo encantado do engenho

Já no título o leitor se transporta para o mundo encantado que o autor irá construir ao longo de todo o texto. Este mundo encantado não é o de um castelo, mas aquele contado e vivido pelas lembranças, aos olhos do morador de um engenho que outrora existiu.

Sentado aqui no alpendre da casa-grande, olhando em volta desse mundo silencioso em que hoje vivo, me lembro de cada momento que passei neste lugar. O rodopiar dos ventos no canavial, o cheiro da cana verde misturado ao ar puro das águas cristalinas do açude, o barulho dos animais, as vozes dos trabalhadores... Tudo isso está guardado na minha memória.

Era época de fartura, o engenho acolhia de braços abertos todos os que ali iam chegando. Meu pai, homem forte, comandava com braveza e ao mesmo tempo com humildade os trabalhadores que rudemente transformavam com habilidade a cana em rapadura.

Logo no início, o texto ajuda o leitor a situar-se no tempo e no espaço. Além disso, há uma seleção do que será tratado, a vida em um antigo engenho.

Dentro e fora do engenho ouvia-se o *lepe-lepe* das palhetas, mexendo o tacho fervente de mel. A moenda subia e descia com um ranger musical, esmagando a cana e soltando uma garapa esverdeada. Jumentos iam e vinham, trazendo nos lombos cangalhas cheias de cana, cujas folhas se arrastavam pelo chão e pareciam cantar uma canção, alegrando nossos ouvidos.

O cheiro vindo da gamela da rapadura, ora com mistura de cravo e erva-doce, ora de coco, fazia com que aguçasse o paladar de quem passava. As mulheres esparramavam o mel na pedra para começar o puxa-puxa do alfenim, seus corpos moviam-se sem parar, pareciam bailarinas ou... borboletas.

Neste trecho podemos perceber as apreciações, sensações e impressões do narrador, que enredam o leitor.

O almoço dos trabalhadores era feito na casa-grande e logo de manhã cedo os jumentos encostavam-se ao engenho, trazendo em caçuás as enormes panelas cheias de comida, geralmente a carne dos porcos que eram criados na fazenda. Enquanto alguns mexiam os tachos, outros sentavam no chão para pegar o de comer.

À tardinha **esfriavam os corpos** para irem banhar-se no açude. De longe ouviam-se os gritos das maritacas misturados à algazarra dos trabalhadores, que pareciam crianças brincan-

do de pega-pega. Ceavam na casa-grande... E vinham chegando, no corpo traziam o cheiro gostoso do **sabonete Alma de Flores**, considerado um luxo naquela época; cabelos limpos, **cheios de brilhantina, que espelhavam de longe**.

Depois da ceia, sentavam em redes ou tamboretas, iluminados pelo clarão da lamparina, e contavam histórias reais ou de trancoso. O café era servido, e o canivete, retirado da cintura, para cortar o fumo de rolo com o qual faziam um cigarro grosso, enrolado com palha de milho seco que pegavam na tolda, o isqueiro de metal a querosene rodava de mão em mão para acender os cigarros. Alguns resolviam ir namorar, mesmo que o pai da moça ficasse no meio dos dois.

Naquele tempo tudo era diferente, as pessoas eram mais amigas umas das outras e viviam mais felizes.

Hoje, o engenho está de pé, bem conservado, as pessoas sempre vêm para tirar retratos e ouvir histórias de como funcionava tudo aquilo, mas nunca vão entender como funcionava o coração, a amizade de cada pessoa que ali vivia, pois essa máquina de tirar retrato jamais vai retratar as lembranças, as saudades e a história real do mundo encantado do engenho.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Enias Bessa.)

Aluna: Isabela Kethyes Bezerra Bessa

Professora: Maria Gisélia Bezerra Gomes

Escola: E. M. E. F. Urcesina Moura Cantídio – Alto Santo (CE)

As questões tratadas neste artigo podem nos dar a ideia da dimensão desafiadora, instigante e delicada que é o processo de produção dos textos de Memórias literárias, uma ação que estabelece o compromisso com tantos passados: “Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento” (Altenfelder e Clara, 2014).

Revivê-los ou fazê-los conhecidos seria muito pouco. Contrariando o que diz a canção *Amo você*, de Luiz Guedes e Tomas Roth, na voz de Peninha: “O que passou, passou, não importa”. Na verdade, o encontro de gerações, que está vivo no gênero Memórias literárias, é que é o grande mote!

Neste parágrafo, notamos a presença de indícios da realização da entrevista com algum antigo morador do lugar, aqui retratado, pois os termos, o uso de palavras e expressões próprias do falar local e o modo de vida descrito não foram certamente vivenciados pelo jovem aluno.

OUTRAS LEITURAS

ALTENFELDER, Anna Helena; Clara, Regina Andrade. *Se bem me lembro...* Caderno do Professor: Orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – Estratégias de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

POSSENTI, Sírio. “Indícios de autoria”, in: Revista *Perspectiva*. Florianópolis, nº 1, jan./jun., 2002, pp. 105-124. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10411/9677>>. Acesso em 8 de dezembro de 2016.

A necessidade de particularização do cotidiano

Juliana Roquete Schoffen

Os professores costumam se perguntar quais sugestões de reescrita são possíveis de se fazer nos textos de seus alunos quando esses textos já estão bem escritos. Com base na leitura das 125 crônicas semifinalistas da edição 2016 da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, me foi dada uma incumbência bastante difícil: encontrar nesses textos, já bastante qualificados, aspectos que ainda pudessem ser melhorados. Realmente, não foi uma tarefa fácil. A partir desse desafio, pontuei alguns aspectos recorrentes, nas crônicas que li, para estimular a reflexão sobre intervenções possíveis de serem feitas nos textos de seus alunos.

Juliana Roquete Schoffen é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Rede de Ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o futuro.

O que é mesmo uma crônica?

O gênero crônica é definido pelo cronista Antônio Prata como “uma espécie de lupa que você coloca em um assunto”¹. A crônica é um olhar sobre o detalhe, sobre o instante, sobre algo singular que você amplia para ver mais de perto, como se olhasse através de uma lupa. E, para o cronista, “qualquer assunto que você olhar com uma lupa é interessante”. Não necessariamente, para escrever uma crônica, o autor precisa vivenciar um grande acontecimento. Pelo contrário, é sobre os acontecimentos frugais de todos os dias que se centram as melhores crônicas. É a particularização do cotidiano que se faz interessante a partir da visão do cronista, que mostra aos leitores como ele vê o mundo do outro lado de sua lupa.

As boas crônicas não são, se pensarmos bem, um relato minucioso, com uma descrição exaustiva do lugar, dos personagens e dos acontecimentos. Quando se passa muito tempo descrevendo o lugar em que a cena acontece, perde-se o flagrante, que é o mais interessante nesse gênero. Espera-se, na crônica, a particularização do cotidiano, ao narrar um acontecimento pontual e acrescentar a ele uma problematização.

Na crônica, é o olhar do escritor que interessa, não o olhar de toda a sociedade. Nesse sentido, tudo no texto precisa ser particularizado, a começar pela conjugação dos verbos. A impessoalização, na crônica, pode atrapalhar, porque pode levar o leitor a entender que as impressões relatadas ali são impressões gerais, de todos os que vivenciaram o fato narrado. E o que o leitor quer, na crônica, é ver a apreciação particular do autor; saber como ele – e só ele – viu, sentiu, enfrentou aquela situação específica.

Da mesma forma, podemos perceber que nas melhores crônicas o tempo predominante nos verbos costuma ser o passado. É preciso usar os verbos no pretérito para situar temporalmente a narrativa. Mesmo que a crônica esteja falando de algo que acontece todo dia, o autor narra no passado sua observação de um acontecimento singular.

Como posso falar do lugar onde vivo?

O tema proposto pela Olimpíada da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro é “O lugar onde vivo”. Pude perceber em várias das crônicas que li (e também nos relatos de muitos professores com quem conversei) uma grande ansiedade pela necessidade de explicitar, no texto, o nome do lugar que estão retratando. Mas falar do lugar onde se vive não passa, necessariamente, por explicitar no texto o nome desse lugar. É a lupa do escritor que dá essa particularização, não o fato de o nome do lugar estar expresso no texto.

1. Antônio Prata. Entrevista ao Portal Escrevendo o Futuro, 9 de setembro de 2015. Disponível em <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/1849/entrevista-antonio-prata>. Acesso em 28 de novembro de 2016.

A crônica abaixo, finalista da edição de 2014 da Olimpíada, diz muito sobre o lugar onde a autora vive, ainda que o nome desse lugar não seja mencionado nenhuma vez. Nesse texto, pouco ou nada interessaria saber de que lugar específico ela está falando: as referências necessárias para a particularização do cotidiano dela para o leitor estão todas lá.

O título do texto convida à leitura: o leitor quer descobrir que balé é esse. Criar um título interessante é uma boa estratégia para “fisgar” o leitor já no início da crônica.

O último balé

O sono ainda **tomava** o meu corpo, mas a obrigação já me **punha** de pé na incansável rotina de uma estudante que mal **conseguia** comandar o movimento das pernas que a levavam até o ponto de ônibus. Ponto de tortura, pois o vento congelante **resfriava-me** da cabeça aos pés. Pés que àquela altura já **estavam** como pedras de gelo.

Apesar do intenso frio, a atenção de meus pensamentos **estava** nas estrelas que ainda me **faziam** companhia em meio a tanta escuridão. Escuridão que num instante **passou** a ser iluminada pelo brilho dos faróis do ônibus escolar. Um alívio. Pronto. **Entrei** e me **acomodei**. Agora **era** só esperar.

O ônibus **avançava** e, enquanto eu **olhava** para o resto do mundo que **aparecia** no clarear do dia, uma impressionante paisagem **cativou** o meu olhar. Em meio a tantos morros, um **aparentava** ser palco onde várias bailarinas, com *collants* e tutus esverdeados, meias marrons como madeira e sapatilhas cor de terra **dançavam, rodopiavam** de um lado para outro. Todas numa sincronia perfeita: pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Uma coreografia majestosa, embalada por uma famosa sinfonia: *Os ventos gelados*.

Neste trecho, a repetição de palavras é utilizada como marca de autoria. Estilisticamente, a repetição funciona, mas a separação das orações com ponto final gera um fragmento de frase, que não causa uma boa impressão ao leitor. Ao invés do ponto final, a autora poderia ter escolhido usar travessões, vírgulas ou ponto-e-vírgula.

Neste parágrafo, o movimento das árvores é comparado a um balé. A ideia é uma grande sacada, mas poderia ser mais desenvolvida para criar no leitor a expectativa de que esse seria o último balé, como o título anunciou. Talvez a autora pudesse se demorar mais, mostrando ao leitor por que, em meio a tantos morros, um em especial chamou a atenção dela.

A crônica é toda escrita no passado, fazendo uso, principalmente, de verbos no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito.

Qual a diferença entre o uso do pretérito perfeito e o do pretérito imperfeito, em português? Saber essa diferença é bastante importante para se escrever uma boa crônica.

O pretérito imperfeito costuma ser usado para descrever a situação, o cenário, contar o fato que efetivamente vai ser narrado **aconteceu**.

O pretérito perfeito marca esse acontecimento, narra as ações que **aconteceram** e são o mote para a escrita da crônica.

A relação adequada entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito constrói e costura a narrativa na crônica, situando o leitor e trazendo-o para junto do texto, num movimento de pegá-lo pela mão e transformá-lo em cúmplice do flagrante que o autor está narrando. Observe como, neste texto, são usados o **pretérito imperfeito, em verde**, e o **perfeito, em azul**, e como a combinação entre eles tece a cena narrada.

Continuei observando a cena e, mais à frente, uma das bailarinas se destacava. Era uma talentosa jovem com seu parceiro, entrelaçados por todo o palco, sendo iluminados por um holofote que acabara de surgir por detrás das montanhas, a mais brilhante de todas as luzes: o Grande Astro. Pareciam alegres, até que um ser rústico, insensível, invadiu a apresentação e, como se não fosse nada, cortou as sapatilhas de uma bailarina, que caiu de tristeza. Nesse instante, das outras dançarinas começaram a voar lágrimas em forma de folhas e os pássaros que assoviavam “Beethoven” se calaram. O show acabara.

A narração do corte da árvore parece rápido demais. A autora poderia esticar esse momento, dando mais tempo para que o leitor se compadecesse da bailarina.

Neste trecho, ao descrever a dança da bailarina que se destacava, a autora cria a tensão e a expectativa necessárias para o que vai acontecer depois.

Só então percebi o som daquele motor que interrompia meus pensamentos e indicava para alguns apenas mais um dia comum de trabalho. Olhei para os lados: alguns colegas dormiam, outros conversavam ou manuseavam seus materiais. Será que só os meus olhos perceberam aquilo? É, talvez outras pessoas também tenham visto, mas o que para mim foi uma bonita e triste ilusão para elas apenas a vista de mais um morro de eucaliptos.

Há duas sinfonias apresentadas no texto: a dos ventos gelados e a dos pássaros. A autora poderia ter escolhido uma só e insistido nela, dando maior continuidade à história.

Na crônica, o final costuma apresentar uma reflexão sobre o episódio narrado, reflexão essa que dá sentido ao texto. Aqui, a autora faz o movimento de levantar a lupa e olhar para os lados, para ver se os companheiros de viagem estavam percebendo o mesmo que ela.

Para qualificar o texto final, a autora poderia ter optado por um vocabulário mais sofisticado.

Aluna: Lorena João Daniel
Professora: Luciene Gilles Guidi
Escola: E. E. E. F. M. Victório Bravim
Marechal Floriano (ES)

O texto acima, como podemos ver, ainda poderia melhorar (como todo texto sempre pode), mas é um excelente exemplo de crônica sobre o lugar onde a autora vive. Assim como essa autora conseguiu particularizar e mostrar ao mundo o seu cotidiano, desejo que todos os nossos alunos possam vivenciar essa experiência transformadora através da escrita: contar ao mundo o que eles veem do outro lado da sua lupa.

Reescrevendo artigos de opinião na Olimpíada

Egon de Oliveira Rangel

1. A escrita escolar e a Olimpíada

Seja qual for o gênero discursivo em foco, produzir textos, no âmbito da Olimpíada, é uma atividade pautada por fatores que valem a pena explicitar. Afinal, ao participar do Programa, professores e alunos assumem um conjunto bem definido de *condições de produção* da escrita.

Dada a relevância que assume nesse contexto, lembramos que o aluno se vê comprometido, em suas produções, com *três instâncias diferentes de interlocução*:

- o professor, a turma, a escola, a comunidade escolar em que a escrita se faz;
- a sociedade em geral, uma vez que Poema, Memórias literárias, Crônica e Artigo de opinião são gêneros capazes de interessar a um público mais amplo que o da escola;
- as bancas examinadoras que analisarão e julgarão as produções.

Egon de Oliveira Rangel é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e colaborador do Programa Escrevendo o Futuro.

O desempenho escrito do aluno é, então, balizado por esses três interlocutores simultaneamente. Será preciso encontrar um jeito de atender a todos, sem, no entanto, trair suas próprias motivações e capacidades.

Mas outros dois fatores são igualmente importantes, no processo: o *tema comum* e a *orientação teórico-metodológica*. O primeiro, expresso pela fórmula “O lugar onde vivo”, estabelece, para todos e cada um, uma temática geral, com base na qual será preciso eleger um assunto próprio. Já o segundo se manifesta no trabalho em sala de aula, orientado por *sequências didáticas* específicas e por materiais didáticos próprios.

Assim, esse conjunto de determinações estabelece, para professores e alunos inscritos, “um mesmo chão”, um patamar comum de onde todos partem.

2. O Artigo de opinião na Olimpíada: um gênero jornalístico em visita à escola

O Artigo de opinião (AO) é um gênero jornalístico por excelência. Sua função social é, basicamente, a de abrir, manter e alimentar o debate social sobre questões de interesse público. É esse compromisso que lhe dá um caráter eminentemente republicano, fazendo dele um gênero especialmente compromissado com o exercício da cidadania.

Como sabemos, é preciso ter – ou querer ter – opiniões para estabelecer e levar a bom termo um debate. No entanto, por mais que a expressão de opiniões se faça necessária, isso não é o suficiente: é preciso defender *esta* opinião contra *aquela(s) outra(s)*, colaborar para que os consensos sejam possíveis, favorecer a tomada coletiva de decisões.

Por isso mesmo, no jornal ou na Olimpíada, o ponto de partida é uma *questão controversa*: um problema para cujo equacionamento diferentes soluções sejam possíveis. Onde não há o que discutir (“O sol deve nascer, amanhã?”), onde o problema já está solucionado ou remediado (“O Ensino Fundamental deve ser obrigatório, no Brasil?”), não há questão controversa. Nem, tampouco, qualquer debate possível.

Em contrapartida, nunca faltam boas perguntas, dilemas e impasses, no governo da vida em sociedade: “O aborto deve ser descriminalizado?”, “As ciclovias contribuem para a mobilidade urbana?”, “O ensino deve ser público e gratuito, em todos os níveis?” etc. Questões como essas têm em comum não só a *pertinência pública*,



como também o *caráter aberto*. Diante delas, podemos nos posicionar contra ou a favor – e pelos mais diferentes motivos. Podemos, até mesmo, discordar de sua formulação, propondo abordagens que nos pareçam mais precisas e corretas do problema.

Por todos esses motivos, o argumento – explícito ou implícito – funciona como um organizador geral do AO. Na Olimpíada, didatizamos esse componente com base no esquema proposto pelo lógico britânico Stephen Toulmin: argumentar é partir de **Dados** que, mediante uma **Justificativa** apropriada, permitam chegar racionalmente a uma **Conclusão** ou tese. Nesse movimento do raciocínio, podemos providenciar diferentes **Suportes** ou reforços para os dados ou para as justificativas, caso não tenhamos elementos que valham por si sós. Podemos, ainda, dar voz a nossos opositores, com **Refutações** aos contra-argumentos que eles poderiam nos dirigir. Finalmente, se não pudermos concluir o raciocínio de forma categórica e definitiva, sempre poderemos especificar, por meio de um **Modalizador**, as condições em que nossa tese deverá ser considerada verdadeira.

Por outro lado, tal configuração textual tende a se revelar numa sequência típica, a da dissertação: *Introdução* – momento em que os dados são apresentados e, eventualmente, a conclusão é anunciada; *Desenvolvimento* – ocasião na qual os argumentos são expostos e discutidos; *Conclusão* – etapa final em que a conclusão do argumento é (re)afirmada.

Assim, reconhecemos um AO sempre que conseguimos encontrar – ou inferir – esses componentes num texto. No caso dos jornais, esperamos que isso se realize de acordo com um padrão de qualidade profissional. Numa escrita escolar, no entanto, esse padrão é aquele que todo professor domina: o do aluno que “deu tudo de si”, “superou expectativas”.

Digamos, então, que o principal objetivo do processo de reescrita escolar é o de ultrapassar o nível do satisfatório, aproximando ao máximo o texto do aluno desse duplo padrão.

3. A reescrita: pontos de atenção e cuidado no aprimoramento do texto

Para ir além do satisfatório, na produção de um AO, é preciso identificar o(s) ingrediente(s) que falta(m) à versão inicial, assim como o que poderia estar mais bem contemplado. É hora, portanto, de ficar de olho no modelo do gênero, assim como nos critérios de avaliação.

Alguns pontos de atenção e cuidado logo se impõem ao planejamento e elaboração de atividades de reescrita.

O tratamento dado ao tema comum é o primeiro deles. Um bom AO deve *integrá-lo à perspectiva argumentativa do texto*. Qualquer destaque indevido corre o risco de comprometer o ponto de vista e a continuidade do texto, transformando-o em guia turístico ou em denúncia de problemas locais.

Para não fugir ao gênero, é preciso, ainda, que o AO esteja claramente articulado a uma *questão polêmica*, se esta vier explicitada, o benefício para a coerência e a coesão será direto; mas, ainda que a estratégia seja indireta, *todo o texto deverá organizar-se como uma resposta qualificada à questão*.

A diretriz textual da reescrita será, então, o *padrão de continuidade próprio da dissertação*, em que todo e qualquer componente do texto deve ter *uma função expositivo-argumentativa*, constituindo-se como dado, justificativa, conclusão etc. O que não couber nesse figurino só fica se for pertinente para um desses elementos. Atenção especial deverá ser dada aos organizadores textuais, responsáveis pelas tramas e costuras que não deixam o leitor perder o fio da meada.

Finalmente, o AO é um gênero pautado pelo padrão culto do português brasileiro escrito. Desvios são permitidos, mas em casos especiais, como os efeitos de sentido deliberadamente buscados e as citações. No mais, é preciso adequar o texto, evitando, no entanto, a artificialidade de normas arbitrárias e sem qualquer respaldo na fala ou na escrita da população mais escolarizada e letrada.

O que a memória ama, fica eterno

Leonardo Silva Brito

Tive a honra de ser convidado para discursar em nome dos 152 alunos finalistas, alguns dos quais tive o privilégio de conhecer pessoalmente, mas gostaria de ressaltar que, na verdade, represento todos os mais de cinco milhões de alunos participantes desta 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro que é, a meu ver, a Olimpíada mais humana de todas que já tive a oportunidade de participar. Isso possivelmente se deve ao fato de que, em sua essência, ela não prega a competição, mas sim a construção coletiva, humana e gradativa de uma produção textual que expõe não apenas nosso olhar, nossos sonhos e reivindicações para o lugar onde vivemos, mas também os de todos aqueles que nos ajudaram, direta ou indiretamente, a percorrer esse caminho.

Nós, que tivemos a oportunidade de termos nossos textos selecionados na etapa estadual, fomos agraciados ainda com oficina regional, sarau, debate, visita à Bienal de São Paulo, ganhamos livros e fizemos amizades que ultrapassaram as barreiras do espaço geográfico. No debate, nossos argumentos foram desenvolvidos em equipes, sendo eleitos representantes para defendê-los, criticar as opiniões levantadas por equipes adversárias e utilizar a retórica como ferramenta de construção de ideias. Já na etapa escolar fica evidente que a Olimpíada nos convida a trabalhar em conjunto e aprender uns com os outros e isso só nos engrandece como seres humanos e cidadãos.

Essa é a segunda vez que participo da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, na primeira tentativa meu texto não passou da fase escolar. Independentemente do resultado, já naquela época, eu estava feliz por saber que minhas habilidades de escrita haviam atingido outro patamar, pois cresci muito com as oficinas em sala de aula. Quando o desafio foi novamente proposto por minha professora de língua portuguesa, Alessandra Cegobia, além das atividades disponíveis no Portal Escrevendo o Futuro (www.escrevendoofuturo.org.br) também fiz pesquisas de campo com pessoas da comunidade para detectar alguns problemas do lugar



Verônica Maney

Leonardo Silva Brito, aluno finalista do gênero Artigo de opinião, da E. E. F. M. Carlos Drummond de Andrade, Presidente Médici (RO).



onde vivo e, posteriormente, com profissionais da área, assim reuni opiniões distintas acerca da matéria que minha produção textual tratava.

Com todas as informações necessárias, ainda foram conduzidas discussões em sala de aula para que pudéssemos também incorporar os pontos de vista de nossos colegas ao texto. Posteriormente, passei horas reescrevendo meu artigo de opinião até que todas as informações estivessem dispostas de forma coesa e clara no papel. Tal fato evidencia que o processo de produção textual é gradativo, coletivo e, acima de tudo, constantemente aprimorado. Sempre que releio meu artigo, tenho vontade de reescrevê-lo, reconstruí-lo, isso porque a escrita, assim como nós, matura e evolui.

É por isso que acredito que todos os que participaram desta 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro são vencedores, pois o empenho empregado nas leituras para aprofundar o nosso conhecimento sobre o tema “O lugar onde vivo”, nas pesquisas realizadas em nossas comunidades e na escrita, revisão e reescrita de textos permitiu um aprendizado que iremos levar para a nossa vida. Esses são os mais valiosos prêmios e os verdadeiros frutos que colhemos nessa caminhada.

Como esse não foi um percurso solitário, pois muitos caminharam conosco, nós, alunos finalistas, agradecemos às escolas e a seus professores, que aceitaram o desafio de implementar as oficinas de produção de texto, aos familiares, que constituem o alicerce de nossa formação, à Fundação Itaú Social e seus parceiros, que concretizaram a realização desse projeto mesmo em tempos de crise em nosso país e por estarem efetivamente ajudando a construir o futuro do Brasil, possibilitando às crianças e aos jovens de escolas públicas o aprimoramento da capacidade de expressão por meio da leitura e da escrita. Nós, alunos, amamos tudo isso e como a ciência já desvendou: o que a memória ama, fica eterno.

“Neste país, nenhum outro caminho é tão valioso e tão promissor, para cada uma de nossas crianças e jovens, como o caminho do conhecimento.” (Movimento Mapa Educação < mapaeducacao.com > .)

“Acredito que todos os que participaram desta 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro são vencedores.”

A fonte que a montanha guarda

Juliana Wilczek de Oliveira

Sabidamente, minha conterrânea amava a cor azul, a poetisa paranaense Helena Kolody escreveu o poema “Âmago”, que diz: “Quem bebe da fonte / Que jorra na encosta, / Não sabe do rio / Que a montanha guarda”.

Trabalhar com as sequências didáticas proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro é assim: abrir o Caderno de orientações para produção de textos e ir bebendo aos goles de uma fonte inspiradora tanto para o professor como para o aluno, proporcionando um trabalho que desperta a sede de leitura, o aprofundamento da escrita, um novo olhar para o lugar onde vivemos. Tema, aliás, muito pertinente numa realidade em que nossos alunos estão acostumados ao imediatismo das novas tecnologias, com os olhos prisioneiros de uma tela, quando há tanto para ver e sentir do lado de fora. E nós, professores, gente criativa que não se intimida, abraçamos o trabalho com os gêneros propostos e aguçamos os diferentes olhares que, com o decorrer das oficinas, transformam-se em vozes poéticas, históricas, reflexivas ou críticas.

E quando percebemos, professor e aluno, estamos mergulhados em leituras, pesquisas, entrevistas, relatos, escritas e reescritas, sempre na busca do melhor texto, concretizando, assim, o objetivo maior da Olimpíada e também da escola, ou seja, melhoria na leitura e na escrita dos estudantes brasileiros.

Muitas vezes durante o trabalho com as oficinas, surgem águas turbulentas que nos desafiam de uma forma que dá vontade de desistir. Mas a Olimpíada é para os fortes, para os professores verdadeiramente comprometidos com o ensino e com a escola pública. É para aqueles que usam diversos recursos e estratégias com o objetivo de ver todos os seus alunos produzindo um bom texto. É para aqueles que no final da etapa das oficinas, choram emocionados, como eu chorei, ao ler os textos escritos pelos jovens aprendizes. E ainda pensar: será que eu podia ter feito mais.

Muitos trilham sozinhos este caminho, porém há comunidades escolares que abraçam esse trabalho. Às vezes somos amparados e animados por amigos, que, como asas, nos impelem para o alto.



Veronica Maney

Juliana Wilczek de Oliveira, professora finalista da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, da E. E. I. Inácio Schelbauer, Rio Negro (PR). Discursou, representando o corpo docente, na cerimônia de encerramento e premiação.



E depois de conseguirmos bons resultados nas turmas, até mesmo “tirando leite de pedra”, águas inebriantes nos chegam como recompensa por toda a nossa dedicação.

É quando temos as oportunidades de participar das atividades da fase regional. Aí, então, percebemos o rio guardado na montanha. A diversidade do nosso país, reunida numa mesma voz, nos proporciona um aprendizado riquíssimo que só aumenta a sede de bebermos ainda mais da fonte. É fato certo de que quem tem a oportunidade de participar dos encontros regionais sempre faz melhor na próxima edição, ansiando vivenciar dias tão maravilhosos, em que compartilhamos experiências e ampliamos nosso conhecimento, além de enlaçarmos novas amizades. São dias em que nos sentimos reconhecidos, valorizados e até “mimados” por todos os organizadores e colaboradores: Cenpec, Fundação Itaú Social, Undime, Consed, MEC, Pé na Estrada. Bom, eu participei de três etapas este ano, posso afirmar que foi tudo ma-ra-vi-lho-so.

É num encontro regional, que, nós professores, vemos mais claramente que a escola pública do nosso país tem muitos talentos e gente que vale ouro, prata, bronze. Mesmo todos aqueles que não se classificaram em nenhuma fase, tiveram oportunidade de crescer muito no aprendizado e fazer a diferença na vida escolar de milhares de alunos.

Certamente para mim, como para todos os professores, as experiências vividas nesta 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, oportunizaram grande transformação tanto como pessoas quanto como educadores! Não somos mais os mesmos.

Estamos cientes de que não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois nos tornamos pessoas diferentes após uma experiência como esta! Até alcançar o rio guardado pela montanha não é fácil. A sede seca a garganta. Mas como ficar sem essa água que nos renova e nos revigora a cada nova edição?

O ciclo continua e, por ora, saciados por águas inebriantes aguardamos sedentos a 6ª edição. E que possamos nos reencontrar em 2018!

“ Muitos trilham sozinhos este caminho, porém há comunidades escolares que abraçam esse trabalho. Às vezes somos amparados e animados por amigos, que, como asas, nos impelem para o alto. ”

